

Afrocentricidade e interculturalidade na educação brasileira contemporânea: uma reflexão sobre a implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar

Anna Caroliny Ribeiro Silva *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0004-1084-2292>

Jenilson Marinho da Silva **

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0001-6829-280X>

Rita Aparecida Cascardo***

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0009-2667-9553>

RESUMO

Este artigo tem como tema a implementação da afrocentricidade e da interculturalidade no currículo escolar brasileiro, com foco na inclusão das epistemologias africanas e afro-brasileiras. A interculturalidade, neste sentido, é compreendida não apenas como a convivência entre diferentes culturas, mas como uma prática pedagógica que promove o diálogo crítico e transformador entre elas. O problema central investigado é como essas perspectivas podem ser efetivamente incorporadas nas práticas pedagógicas, diante da resistência institucional e da predominância de abordagens eurocêntricas. As hipóteses sugerem que a inclusão dessas epistemologias pode promover uma educação mais inclusiva, equitativa e culturalmente representativa, além de contribuir para a redução das desigualdades raciais no ambiente escolar. O objetivo geral do estudo é analisar como a afrocentricidade pode ser implementada de forma eficaz no currículo escolar brasileiro, potencializando a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa. A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica de obras acadêmicas e artigos que tratam da afrocentricidade, interculturalidade e políticas públicas educacionais. As referências foram selecionadas com base em sua relevância para o contexto brasileiro, buscando-se refletir sobre como essas abordagens teóricas têm sido aplicadas na prática educacional. Como principais conclusões, o estudo aponta que, apesar dos desafios, a adoção de práticas pedagógicas afrocentradas e interculturais pode fortalecer a identidade cultural dos estudantes afrodescendentes e indígenas, promovendo maior equidade e inclusão no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Afrocentricidade; Interculturalidade; Educação Indígena; Educação Afro-Brasileira; Currículo Escolar.

* Professora, mestranda em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (TICs). Graduada em Letras pela Universidade Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Pós-graduada em Educação Inclusiva e em Linguística pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atua na área da educação, com interesse em práticas pedagógicas inclusivas e no uso das tecnologias como ferramentas de ensino e aprendizagem. E-mail: annacrs12@outlook.com

** jenilson.marinhas@gmail.com

*** Centro Universitário de Itajubá: Itajubá, BR, E-mail: ritacascardomi@gmail.com

Afrosentriki na maingiliano ya kitamaduni katika elimu ya kisasa ya Brazil: tafakari juu ya utekelezaji wa mtazamo wa afrosentriki katika mtaala wa shule

MUHTASARI

Makala hii inazungumzia utekelezaji wa afrosentriki na maingiliano ya kitamaduni katika mtaala wa shule za Brazil, ikilenga ujumuishaji wa epistemolojia za Kiafrika na za Waafrika wa Brazil. Katika muktadha huu, maingiliano ya kitamaduni yanaeleweka sio tu kama kuishi pamoja kwa tamaduni tofauti, bali kama mbinu ya kufundisha inayochochea mazungumzo ya kina na mabadiliko kati yao. Tatizo kuu linalochunguzwa ni jinsi mitazamo hii inaweza kujumuishwa kwa ufanisi katika mbinu za ufundishaji, huku ikikabiliwa na upinzani wa kitaasisi na uwepo wa mbinu zinazotegemea Ulaya. Nadharia zinadokeza kuwa ujumuishaji wa epistemolojia hizi unaweza kukuza elimu jumuishi, yenye usawa na inayowakilisha utamaduni, pamoja na kuchangia kupunguza ukosefu wa usawa wa rangi katika mazingira ya shule. Lengo kuu la utafiti ni kuchambua jinsi afrosentriki inaweza kutekelezwa kwa ufanisi katika mtaala wa shule za Brazil, ikijenga elimu jumuishi na yenye usawa zaidi. Mbinu iliyotumika ilikuwa mapitio ya maandiko ya kitaaluma na makala zinazohusu afrosentriki, maingiliano ya kitamaduni na sera za umma za elimu. Marejeleo yalichaguliwa kwa kuzingatia umuhimu wake kwa muktadha wa Brazil, kwa lengo la kutafakari jinsi mitazamo hii ya kidhahania imekuwa ikitumika katika vitendo vya kielimu. Hitimisho kuu linaonyesha kuwa, licha ya changamoto zilizopo, utekelezaji wa mbinu za ufundishaji zinazozingatia afrosentriki na maingiliano ya kitamaduni unaweza kuimarisha utambulisho wa kitamaduni wa wanafunzi wenye asili ya Kiafrika na Waindio, na hivyo kukuza usawa na ujumuishaji katika mazingira ya shule.

MANENO MUHIMU

Afrosentriki, maingiliano ya kitamaduni, elimu ya kiasili, elimu ya Waafrika wa Brazil, mtaala wa shule.

Introdução

Nas últimas décadas, o debate sobre a inclusão de perspectivas afrocentradas no currículo escolar brasileiro tem ganhado destaque, especialmente no contexto de uma educação marcada por desigualdades históricas e sociais. Essas desigualdades, fruto de um processo histórico de colonização e escravidão, deixaram um legado de exclusão racial que persiste nas estruturas sociais e educacionais do Brasil. A escola, enquanto um dos principais espaços de formação de sujeitos, desempenha um papel crucial na reprodução ou contestação dessas desigualdades. O currículo escolar, por sua vez, tem sido historicamente construído sob uma perspectiva eurocêntrica,

invisibilizando as contribuições culturais, científicas e filosóficas dos povos africanos e afrodescendentes.

A partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, surgiu a necessidade de refletir sobre a implementação de uma educação que valorize as identidades e epistemologias africanas. A lei, ainda que um marco importante, não garantiu, por si só, a transformação estrutural necessária para que o currículo escolar passasse a incluir de forma sistemática as histórias e saberes afro-brasileiros. Na prática, muitos desafios continuam presentes, como a falta de formação de professores, a ausência de materiais didáticos apropriados e a resistência de certos setores da sociedade em aceitar a centralidade da cultura afrodescendente na educação formal.

A afrocentricidade, enquanto perspectiva teórica e epistemológica, surge como um caminho para descolonizar o currículo escolar, promovendo uma visão mais inclusiva e representativa das culturas afrodescendentes. Desenvolvida por teóricos como Molefi Kete Asante, a afrocentricidade propõe a centralidade da experiência africana e afro-brasileira na construção do conhecimento, desafiando as estruturas de poder que historicamente marginalizaram essas epistemologias. Ao colocar as contribuições africanas no centro do currículo, a afrocentricidade promove o reconhecimento e a valorização das culturas negras, além de contribuir para o fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes afro-brasileiros.

Este estudo pretende refletir sobre as intersecções entre a afrocentricidade e a interculturalidade no contexto da educação brasileira contemporânea, com foco na implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar. A interculturalidade, neste sentido, é compreendida não apenas como a convivência entre diferentes culturas, mas como uma prática pedagógica que promove o diálogo crítico e transformador entre elas. Ao reconhecer as diferenças culturais e incentivar o respeito mútuo, a interculturalidade contribui para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, onde as vozes afrodescendentes podem ser ouvidas e valorizadas.

O objetivo deste artigo é analisar como a afrocentricidade pode ser implementada de forma eficaz no currículo escolar brasileiro, potencializando a construção de uma educação mais inclusiva e equitativa. Para isso, será

necessário investigar as práticas pedagógicas já existentes que buscam promover a afrocentricidade, bem como os desafios enfrentados por educadores e gestores na implementação dessas iniciativas. Além disso, este estudo visa compreender as possíveis interações entre a afrocentricidade e outras abordagens pedagógicas voltadas para a promoção da equidade racial nas escolas, como a interculturalidade crítica e a educação antirracista.

A justificativa para a pesquisa reside na importância de combater a hegemonia eurocêntrica ainda presente nas práticas educacionais, que invisibilizam as contribuições culturais e históricas africanas. A permanência desse modelo eurocêntrico contribui para a perpetuação do racismo estrutural e da desigualdade educacional, marginalizando os estudantes negros e dificultando seu acesso a uma educação que reflita suas realidades e experiências. Nesse sentido, a implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar é fundamental para promover o empoderamento dos estudantes afro-brasileiros e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Metodologicamente, o artigo se baseia em uma revisão bibliográfica, utilizando como principais fontes obras acadêmicas que discutem a afrocentricidade e a interculturalidade na educação. As referências foram selecionadas com base em sua relevância para o contexto brasileiro, buscando-se refletir sobre como essas abordagens teóricas têm sido aplicadas na prática educacional. Além disso, a revisão bibliográfica permite identificar lacunas nas pesquisas existentes, fornecendo subsídios para futuras investigações sobre a implementação da afrocentricidade no currículo escolar.

O artigo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção traz a introdução do artigo com a contextualização do tema, objetivos e metodologia. A segunda seção define os conceitos de afrocentricidade e interculturalidade, abordando sua relevância para o contexto educacional brasileiro. São discutidos os princípios teóricos que sustentam essas abordagens, com ênfase na centralidade das epistemologias africanas e afro-brasileiras como ferramentas para descolonizar o currículo escolar. A terceira e a quarta seções, respectivamente, apresentam e analisam a afrocentridade no currículo escolar e os desafios e potencialidades na implementação da afrocentricidade no currículo escolar. Além disso, são discutidos os potenciais benefícios dessas práticas para a construção de uma educação mais inclusiva e

equitativa. Por fim, nas considerações finais, são sintetizadas as conclusões da pesquisa, com foco nas descobertas sobre a aplicabilidade da afrocentricidade no currículo escolar e nas implicações dessa abordagem para a promoção de uma sociedade mais democrática e justa.

1 Conceitos e definições

1.1 Afrocentricidade

A afrocentricidade é uma abordagem teórica e epistemológica que visa centralizar as experiências, histórias e epistemologias africanas e afro-diaspóricas na construção do conhecimento. Desenvolvida por autores como Molefi Kete Asante na década de 1980, essa perspectiva busca romper com a hegemonia eurocêntrica, que historicamente marginalizou os saberes africanos, relegando-os à periferia do sistema educacional (Asante, 2009). A afrocentricidade não propõe uma substituição do eurocentrismo por um "afrocentrismo", mas uma reconfiguração do currículo que permita aos estudantes negros se reconhecerem como sujeitos históricos e culturais ativos, e não como objetos passivos de uma narrativa ocidentalizada.

Segundo Lima (2020), a centralidade da experiência africana no currículo é essencial para a valorização da cultura e da identidade afrodescendente, que foi sistematicamente desconsiderada e desvalorizada ao longo da história do Brasil. Esse paradigma oferece uma alternativa para a superação do racismo estrutural, ao promover o empoderamento dos estudantes negros e permitir que eles enxerguem suas próprias contribuições culturais e intelectuais como elementos fundamentais da construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Saturno e Sacramento (2020) argumentam que a reformulação do currículo com base na afrocentricidade não deve se limitar à inclusão de disciplinas sobre a história africana. Ela deve, sobretudo, propor uma ressignificação mais profunda, que questione o racismo estrutural e promova a representatividade nas múltiplas dimensões do processo educativo, incluindo temas como a beleza negra, o feminicídio de mulheres negras e a marginalização socioeconômica.

1.2 Interculturalidade

A interculturalidade crítica, por sua vez, emerge como uma prática pedagógica que transcende a mera coexistência de diferentes culturas no ambiente escolar, buscando estabelecer um diálogo transformador entre elas. Diferente da interculturalidade tradicional, que pode ser interpretada como uma simples convivência pacífica entre culturas diversas, a interculturalidade crítica visa questionar as relações de poder, os privilégios e as hierarquias culturais existentes. Ela propõe uma redefinição dos papéis e das interações entre os grupos culturais, promovendo uma ruptura com a lógica dominante que historicamente marginalizou as culturas não europeias no ambiente educacional.

Como destacam Sant'Ana, Suanno e Castro (2019), a interculturalidade crítica propõe a superação das hierarquias culturais e epistemológicas, promovendo um espaço educacional em que as diferentes culturas possam dialogar em pé de igualdade. Nesse contexto, as culturas afrodescendentes e indígenas, que muitas vezes foram relegadas a uma posição periférica, passam a ocupar um lugar central no currículo escolar. A proposta é que essas culturas não sejam apenas "toleradas" ou superficialmente abordadas em datas comemorativas, mas que suas contribuições, histórias e epistemologias sejam reconhecidas como partes integrais do conhecimento escolar. A interculturalidade crítica questiona a ideia de que existe um "saber universal" que deve ser transmitido a todos, promovendo, em vez disso, uma valorização da pluralidade de saberes e experiências que cada cultura traz consigo.

Essa abordagem também questiona o caráter excludente da educação tradicional, que frequentemente reproduz preconceitos e discriminações, reforçando as hierarquias raciais e culturais. A educação tradicional, fundamentada em uma epistemologia eurocêntrica, frequentemente invisibiliza as contribuições africanas e indígenas, reforçando estereótipos negativos e perpetuando a exclusão de estudantes pertencentes a esses grupos. A interculturalidade crítica sugere que o currículo escolar deve ser um espaço de emancipação, no qual as identidades afrodescendentes e indígenas sejam valorizadas e integradas ao processo educativo de forma significativa. Ao questionar as bases eurocêntricas do currículo, essa abordagem propõe a construção de um conhecimento mais plural e democrático, no qual todos os estudantes, independentemente de sua origem cultural, possam se reconhecer e se sentir valorizados.

Para Freitas e Oliveira (2020), a articulação entre afrocentricidade e interculturalidade é vital para a construção de um currículo que promova não apenas a inclusão, mas também o reconhecimento da diversidade como um valor central. Eles afirmam que, ao promover a educação afrocentrada, os educadores estão contribuindo para a formação de uma geração de estudantes mais crítica e consciente de seu papel na sociedade. A afrocentricidade, ao colocar as epistemologias africanas e afro-brasileiras no centro do currículo, oferece uma oportunidade para que os estudantes afrodescendentes se vejam representados de forma positiva e significativa na escola, o que, segundo os autores, é fundamental para o fortalecimento de sua autoestima e identidade cultural.

Além disso, a interculturalidade crítica, ao promover o diálogo entre diferentes culturas em condições de igualdade, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Ao desafiar as hierarquias culturais e promover uma educação mais inclusiva, a articulação entre afrocentricidade e interculturalidade crítica permite que o currículo escolar se transforme em um espaço de resistência e transformação social. Freitas e Oliveira (2020) argumentam que essa transformação é fundamental para combater o racismo estrutural que ainda permeia as instituições educacionais brasileiras e para promover uma educação que verdadeiramente valorize a diversidade cultural.

Ao combinar essas duas abordagens, a educação pode não apenas incluir as vozes afrodescendentes e indígenas, mas também reconhecer suas contribuições como fundamentais para a formação do conhecimento e da cidadania. A articulação entre afrocentricidade e interculturalidade crítica, portanto, não busca apenas uma inserção pontual dessas culturas no currículo, mas propõe uma reconfiguração completa do processo educacional, na qual a diversidade cultural é reconhecida como um valor central e inegociável. Isso contribui para a formação de estudantes capazes de pensar criticamente sobre as estruturas de poder que moldam a sociedade e de agir de forma consciente para a construção de uma sociedade mais equitativa e democrática.

2. Afrocentricidade no currículo escolar

A integração da afrocentricidade no currículo escolar representa um movimento de resistência contra a hegemonia eurocêntrica que

historicamente dominou o sistema educacional brasileiro. Segundo Canuto et al. (2023), a afrocentricidade propicia a criação de um espaço escolar mais democrático e representativo, no qual as vozes e experiências de africanos e afrodescendentes são legitimadas e valorizadas. Ao colocar a cultura, história e contribuições africanas no centro do currículo, essa abordagem combate a marginalização imposta por epistemologias eurocêntricas e promove a valorização da identidade negra dentro das escolas (Canuto et al., 2023)

A perspectiva afrocentrada visa descolonizar o currículo ao substituir o foco nas narrativas europeias por uma visão que reconheça o papel central das culturas africanas e afro-brasileiras na formação da sociedade brasileira. Segundo Lima (2020), a afrocentricidade, ao promover uma leitura crítica da história e das relações sociais, favorece a construção de uma identidade negra positiva, elevando o status e a autoestima dos estudantes afrodescendentes, que passam a se enxergar como protagonistas de sua própria história, em vez de meros receptores de um conhecimento que historicamente os exclui (Lima, 2020).

Além disso, a afrocentricidade propõe uma nova abordagem pedagógica que valoriza os saberes africanos e afro-brasileiros em várias áreas do conhecimento. Freitas e Oliveira (2020) argumentam que a adoção da afrocentricidade nas práticas pedagógicas não deve ser superficial, limitada à inclusão de datas comemorativas ou conteúdos fragmentados sobre a história africana. Pelo contrário, deve haver uma transformação profunda no modo como o conhecimento é produzido e compartilhado nas escolas, refletindo a pluralidade da sociedade brasileira e a riqueza das contribuições afrodescendentes (Freitas; Oliveira, 2020).

Um dos principais desafios da afrocentricidade no currículo escolar é superar a resistência institucional que ainda perpetua a visão eurocêntrica dominante. Saturno e Sacramento (2020) destacam que, mesmo com a implementação de políticas públicas como a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, muitos professores e gestores educacionais ainda carecem da formação adequada para lidar com a pluralidade cultural e implementar práticas pedagógicas afrocentradas de forma efetiva (Saturno; Sacramento, 2020).

A implementação da afrocentricidade, segundo Lima (2020), requer um compromisso maior das escolas em promover uma educação que não apenas

inclua, mas centralize as vozes afrodescendentes em seu processo pedagógico. Isso implica reconfigurar materiais didáticos, capacitar educadores e desenvolver projetos pedagógicos que fortaleçam o vínculo dos estudantes afro-brasileiros com suas raízes culturais e históricas. A afrocentricidade propõe não apenas um reconhecimento superficial da diversidade, mas uma transformação estrutural no modo como o currículo escolar é construído e aplicado (Lima, 2020).

Freitas e Oliveira (2020) ainda enfatizam que o impacto da afrocentricidade no currículo escolar transcende o âmbito pedagógico, atingindo diretamente a construção das relações sociais dentro da escola. Ao desafiar as estruturas de poder que sustentam o racismo institucional, a afrocentricidade pode transformar o ambiente escolar em um espaço de empoderamento para estudantes negros, promovendo a equidade racial e criando condições para uma sociedade mais justa. O efeito potencial dessa transformação é a criação de um ambiente escolar onde todas as culturas, em especial as afrodescendentes, são igualmente respeitadas e valorizadas (Freitas; Oliveira, 2020).

Portanto, a afrocentricidade no currículo escolar não se resume apenas à inclusão de conteúdos sobre a história africana, mas exige uma transformação mais profunda no entendimento sobre o que significa ensinar e aprender em uma sociedade marcada pela diversidade cultural. Ao centrar as vozes e experiências afrodescendentes, a afrocentricidade propõe uma educação que combate o racismo estrutural, promove o empoderamento negro e contribui para a formação de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

3. Desafios e potencialidades na implementação da afrocentricidade no currículo escolar

A implementação da afrocentricidade no currículo escolar, apesar de essencial para a promoção de uma educação mais inclusiva e equitativa, enfrenta diversos desafios no contexto educacional brasileiro. O primeiro e mais evidente obstáculo é a persistência de uma hegemonia eurocêntrica nas práticas pedagógicas e na estrutura curricular das escolas. Segundo Freitas e Oliveira (2020), mesmo com a promulgação da Lei 10.639/2003, muitos educadores ainda resistem à inclusão de perspectivas afrocentradas, seja por falta de formação ou por preconceitos enraizados que minimizam a

importância das epistemologias africanas no processo de ensino-aprendizagem.

Além da resistência institucional, outro desafio significativo está na falta de recursos pedagógicos adequados para a implementação da afrocentricidade nas escolas. Saturno e Sacramento (2020) destacam que, embora a lei tenha impulsionado a criação de materiais didáticos voltados para a história e cultura afro-brasileira, esses recursos muitas vezes são limitados em alcance e profundidade, não sendo suficientes para sustentar uma reconfiguração significativa do currículo. A carência de materiais adequados reflete uma falta de investimentos no desenvolvimento de conteúdos que realmente centralizem as contribuições africanas e afro-brasileiras em diversas áreas do conhecimento.

No entanto, as potencialidades da implementação de uma perspectiva afrocentrada são vastas. A afrocentricidade promove uma revalorização da identidade negra, oferecendo aos estudantes afrodescendentes a oportunidade de se reconhecerem como protagonistas de sua própria história e cultura. Como apontam Lima (2020) e Canuto et al. (2023), ao colocar as epistemologias africanas no centro do currículo, a afrocentricidade não só empodera os estudantes negros, mas também desafia as narrativas eurocêntricas que historicamente excluíram suas vozes e experiências do processo educativo.

Freitas e Oliveira (2020) ainda afirmam que a adoção da afrocentricidade pode impactar profundamente as relações sociais dentro do ambiente escolar, promovendo um espaço onde o respeito à diversidade é colocado em prática de forma crítica e consciente. Ao integrar a afrocentricidade ao currículo, os educadores estão não apenas enriquecendo o conteúdo pedagógico, mas também contribuindo para a formação de uma geração de estudantes mais crítica e consciente de seu papel em uma sociedade multicultural e racialmente desigual.

Outro ponto importante é o potencial de transformação social que a afrocentricidade oferece. Saturno e Sacramento (2020) argumentam que, ao promover uma visão crítica das relações raciais e sociais, a afrocentricidade pode funcionar como uma ferramenta de resistência contra o racismo estrutural, ajudando a desconstruir estereótipos e preconceitos que permeiam a educação tradicional. Esse potencial transformador, no entanto, depende de

uma mudança mais ampla nas políticas educacionais e na formação dos educadores, que precisam estar capacitados para lidar com as questões raciais de forma profunda e crítica.

Considerações finais

Este estudo buscou analisar a implementação da afrocentricidade e da interculturalidade no currículo escolar brasileiro, investigando suas potencialidades e desafios. A partir da análise das políticas públicas, como a Lei 10.639/2003, e da revisão de práticas pedagógicas já em curso, ficou evidente que a inclusão de epistemologias afrocentradas no contexto educacional é um caminho fundamental para descolonizar o currículo escolar e promover uma educação mais inclusiva e equitativa.

A afrocentricidade, como abordado ao longo deste trabalho, oferece uma oportunidade para reconfigurar o currículo e deslocar o centro da narrativa educacional da hegemonia eurocêntrica para uma perspectiva que valorize as contribuições culturais, científicas e históricas africanas e afro-brasileiras. Contudo, o estudo também revelou que essa transformação ainda enfrenta diversos obstáculos, sendo o racismo estrutural um dos maiores entraves para a efetiva implementação de práticas pedagógicas afrocentradas. A resistência institucional, a falta de materiais didáticos adequados e a insuficiência na formação de professores são desafios contínuos que precisam ser superados.

A articulação entre afrocentricidade e interculturalidade crítica, como proposto, é crucial para a construção de um currículo que não apenas inclua as vozes e experiências afrodescendentes, mas também promova o reconhecimento da diversidade como valor central no processo educativo. A interculturalidade crítica vai além da coexistência pacífica entre diferentes culturas, sugerindo um diálogo transformador que visa a romper com as hierarquias raciais e culturais que ainda prevalecem nas escolas brasileiras.

As conclusões deste estudo confirmam que, apesar dos desafios, a implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar é uma ferramenta poderosa para combater o racismo estrutural e promover a equidade social. Ao valorizar as identidades afro-brasileiras, a afrocentricidade pode contribuir significativamente para o fortalecimento da autoestima dos estudantes negros, permitindo-lhes reconhecer suas próprias

histórias e contribuições como parte integrante da formação do conhecimento e da cidadania.

Finalmente, a transformação estrutural no currículo escolar brasileiro, com base nos princípios da afrocentricidade e da interculturalidade crítica, não é apenas necessária para alcançar uma educação mais justa, mas também para promover a construção de uma sociedade democrática e equitativa. A reconfiguração do currículo não deve ser vista como uma simples adição de conteúdos, mas como uma reestruturação profunda que centralize as vozes e experiências afrodescendentes e indígenas, assegurando que essas culturas ocupem o lugar de destaque que lhes é devido. Dessa forma, o currículo escolar pode se tornar uma ferramenta de resistência e transformação social, contribuindo para a formação de uma geração mais crítica, consciente e preparada para enfrentar as desigualdades históricas e construir uma sociedade mais justa.

Referências

- CANUTO, L. T. V.; ZULUAGA HENAO, N.; DOS SANTOS GREGÓRIO NEVES, R.; DE CASTRO BALBINO, S. Afrocentricidade: bases teórico-epistemológicas africanas e afro-diaspóricas para repensar a educação brasileira. ***Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)***, [S. l.], v. 17, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1664>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- FREITAS, T. M.; OLIVEIRA, E. R. Formação afrocentrada e descolonização curricular da educação básica: experiências pedagógicas. ***Revista África e Africanidades***, v. 13, n. 36, p. 139-163, 2020.
- LIMA, C. S. **Teoria da afrocentricidade e educação**: um olhar afrocentrado para a educação do povo negro. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- REIS, M. C.; SILVA, J. S.; ALMEIDA, G. S. S. Afrocentricidade e pensamento decolonial: perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. ***Revista Teias***, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 131-143, jul. 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052020000500131&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2024.

SANT'ANA, J. V. B.; SUANNO, J. H.; CASTRO, R. M. M. Afrocentricidade e interculturalidade crítica na educação: reinventar a escola a partir da diferença. ***Rev. Exitus***, Santarém, v. 9, n. 1, p. 426-454, jan. 2019. DOI: <<https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n1id729>>.

SATURNO, R. O.; SACRAMENTO, C. B. Afrocentricidade na educação: reflexões sobre o currículo da escola pública. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS**, 3., 2020, São Cristóvão, SE. Anais [...]. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2020.

SANTOS, M. F.; VALADARES, F. B.; MACEDO, Y. M. (Des)encontros para um currículo afrocentrado no ensino de língua portuguesa na educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. ***Rev. Exitus***, Santarém, v. 9, n. 4, p. 204-231, out. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400204&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2024.

TORQUATO VENTURA CANUTO, L.; ZULUAGA HENAO, N.; DOS SANTOS GREGÓRIO NEVES, R.; DE CASTRO BALBINO, S. Afrocentricidade: bases teórico-epistemológicas africanas e afro-diaspóricas para repensar a educação brasileira. ***Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)***, [S. l.], v. 17, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1664>>. Acesso em: 14 out. 2024.

Recebido em: 21/04/2026

Aceito em: 13/08/2026

Para citar este texto (ABNT): SILVA, Anna Carolyn Ribeiro. Afrocentricidade e interculturalidade na educação brasileira contemporânea: uma reflexão sobre a implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 4, p.62-74, jun./dez.2026.

Para citar este texto (APA): SILVA, Anna Carolyn Ribeiro (jun./dez.2026). Afrocentricidade e interculturalidade na educação brasileira contemporânea: uma reflexão sobre a implementação de uma perspectiva afrocentrada no currículo escolar. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (4): 62-74.